

EXPERIÊNCIA NA ONU

Ten-Cel FRANCISCO BOAVENTURA CAVALCANTE JÚNIOR,
Oficial de EM.

Por duas vezes, tive a inestimável oportunidade de servir nos Estados-Maiores de Conselheiros Militares do Secretário-Geral da ONU. Na primeira vez, meu trabalho ligou-se às operações da Fôrça de Emergência das Nações Unidas no Egito, e, na segunda, às operações da Fôrça das Nações Unidas na República do Congo (Leopoldville).

Foram meus Chefes, na primeira instância, o Major-General A. E. Martola, Oficial reformado do Exército finlandês, e, na segunda, o General-de-Brigada I. J. Rikhye, do Exército indiano.

Além do assinante, eram participantes do Estado-Maior do Gen Martola oficiais superiores da Itália e do Paquistão, e do Estado-Maior do Gen Rikhye, oficiais superiores da Noruega, Argentina, Etiópia, Federação da Malaia, Gana e Canadá (Fôrça Aérea).

Chamei de "inestimável" a oportunidade que tive, porque ela realmente o foi. Viver e trabalhar na ONU durante certo tempo, ouvir em primeira mão os debates que em seguida enchem as manchetes dos jornais do mundo, presenciar o comportamento dos líderes nacionais face aos problemas que agitam a humanidade, sentir as tendências dos diversos governos, conviver com representantes de todos os recantos do globo, sentir-se, nem que seja uma parcela ínfima, da Organização que luta e trabalha para manter a paz internacional, é realmente uma oportunidade ímpar.

Foi também oportunidade ímpar ter tido minhas modestas atividades associadas ao trabalho gigantesco da grande figura que foi Dag Hammarskjöld. Não posso deixar de fazer aparecer aqui o meu tributo de admiração a esse mártir da paz internacional.

Os Estados-Maiores a que pertenci são organizados dentro da estrutura normal de qualquer Estado-Maior militar, e seus componentes distribuídos pelas Seções de Pessoal, Operações (Informação) e Logística.

Quais são pois as atribuições do Conselheiro Militar do Secretário-Geral e de seu Estado-Maior?

As operações das Fôrças Internacionais da ONU são operações sui generis. Nelas, o fator político está sempre presente, e de uma maneira geral, em proporções tais que se torna fator determinante.

O Comandante da Fôrça não pode, muitas vêzes, conduzir suas operações seguindo preceitos puramente militares. Ao Secretário-Geral, a quem incumbe a responsabilidade de pôr em prática o mandato que foi conferido à Fôrça pela Assembléia Geral ou Conselho de Segurança, compete manter uma contínua vigilância, de forma que, as decisões militares não estejam em choque com as injunções políticas. Faz-se mister ter junto a si um órgão técnico-militar para que as decisões do Comandante possam ser submetidas à devida análise, quando necessário, e sofrer os reajustamentos apropriados que as injunções políticas exigirem. Além disso, a Fôrça necessita de um escalão recuado para apoiá-la, e a cabeça pensante dêsse escalão recuado é o Estado-Maior do Conselheiro Militar. Os Governos dos países membros da ONU, e dentre eles, principalmente, os dos países participantes da Fôrça são as fontes fornecedoras de tudo que ela necessita em pessoal e material para o cumprimento de sua missão. Muitas vêzes, o recrutamento de um mero indivíduo, para preenchimento de função chave, assim como a aquisição de determinado material ou equipamento trazem em seu bôjo grande implicação política. O Comandante da Fôrça não tem meios, nem autorização para ligar-se diretamente aos governos. Tudo tem que passar pelo "aprove-se" do Secretário-Geral e é, em seu nome, que os pedidos são feitos aos governos, através das respectivas Delegações à ONU, sediadas em Nova York.

Tomemos como exemplo a Fôrça das Nações Unidas, em operações no Congo (Leopoldville). Era sua fase de maior efetivo, contou com mais de 20.000 homens, pertencentes a 27 países, desdobrados em tôda a superfície da República, que supera a casa das 900.000 milhas quadradas. É fácil imaginar-se a multiplicidade de religiões, de costumes, de línguas, de tendências políticas, de técnica, organização e equipamento militares, de suscetibilidades nacionais, de regime alimentar etc. Por outro lado, não se pode dizer que a Fôrça é uma Grande Unidade seguindo a organização padrão dos Exércitos nacionais existentes. Ela não tem Quadro de Organização. A sua composição e as suas necessidades surgem, no cumprimento diário de suas missões, pelo método do "trial and error". No Congo, onde as flutuações políticas têm sido uma constante, desde o início da crise que motivou a intervenção da ONU, a adequada composição da Fôrça não deixou de variar desde o primeiro dia de sua existência. De uma exígua e inocente Fôrça Aérea, composta na fase inicial de alguns helicópteros, aviões C-47, C-119 e de Ligação, fatos posteriores exigiram a presença de caças a jato e de pesadas aeronaves de transporte. O carro de combate foi durante muito tempo "tabu". Hoje, os soldados da paz dispõem de tais engenhos, pela necessidade inadiável de sobreviver e de cumprir a missão que lhes foi imposta. Ligado ao problema da inclusão de novos engenhos há o problema correlato do recrutamento de pessoal adequado para operá-los. Freqüentemente, um govêrno fornecedor de determinado material, não é "politicamente" aceitável para prover as guarnições correspondentes. Os Exércitos das grande nações que constituem os blocos ocidental e

comunista são considerados inaceitáveis para o provimento de pessoal, e nesse particular, as razões são óbvias. Faz-se mister, então, recrutar guarnições de outras fontes, com necessidade, muitas vezes, de fazê-las passar por cursos de formação ou de adaptação. Ao Estado-Maior do Conselho Militar cabe a responsabilidade de fazer os necessários arranjos para tais cursos.

Já disse anteriormente que a Fôrça não tem Quadro de Organização. A sua componente terrestre é formada por um aglomerado de Batalhões de Infantaria, de Carros de Combate e de Reconhecimento, quando muito associados em Brigadas, nos casos em que um mesmo governo proveu mais de um Batalhão. Ao lado dessas Unidades que constituem a espinha dorsal da Fôrça, alinham-se as não menos importantes unidades de apoio logístico: Saúde, Transporte, Material Bélico, Polícia Militar, Suprimento, Intendência, Contrôlo de movimento terrestre e aéreo, Intérpretes, Serviço Especial, Serviço de Fundos, Sepultamento, Serviço Jurídico, etc. Esta multiplicidade de pequenas unidades, muitas vezes compostas de frações de nacionalidades diferentes, e organizadas paulatinamente, à medida que as necessidades se tornam mais evidentes, constituem, no recrutamento de pessoal, a área mais difícil. Porque não recrutar unidades completas de um mesmo país? — é a pergunta natural. A resposta é que os países que poderiam fornecer tais unidades "completas", muitas vezes não são "politicamente" aceitáveis, e os que são aceitáveis, freqüentemente, não podem abrir mão de uma unidade completa. Dia a dia novas necessidades surgem, e às vezes, o que foi de alta prioridade ontem, pela evolução da situação, torna-se obsoleto hoje. Da mesma forma que muitas vezes tivemos que nos dirigir a governos para o provimento de batalhões de infantaria adicionais, tivemos em várias circunstâncias que o fazer para a obtenção de um reforço de cozinheiros, intérpretes, polícia militar, etc. Em qualquer instância, as injunções políticas sempre presentes; o Secretário-Geral sempre atento a não ferir suscetibilidades nacionais, procurando na medida do possível, compor a Fôrça dentro de uma distribuição geográfica equitativa e justa. Convém salientar que o recrutamento de pessoal, nem sempre é fácil, particularmente, de pessoal técnico-especializado. As negativas dos governos são freqüentes, e novos recursos a novas fontes são tentados.

Na área dos transportes é consumida grande parte das atividades da Seção de Logística do Estado-Maior. Em princípio, os Contingentes sofrem rodízio, após cada seis meses de serviço no Congo. Aviação comercial, navios e aviões de transporte requisitados a países membros da ONU são empregados nos rodízios. Todos os arranjos são feitos pela já mencionada Seção de Logística. Quando se trata de transporte por avião militar requisitado, à mesma Seção compete obter dos diversos países cobertos pelas rotas de vôo, autorização para sobrevôo e pouso. E, tudo feito com muita antecedência, acompanhado pela submissão de pormenores, tais como nome dos pilotos, horários, indicativo de cha-

mada das aeronaves, nacionalidade da tropa e natureza do equipamento transportados, coordenadas geográficas das regiões de entrada e saída dos vários territórios etc pois, nesse particular, de sobrevôo e pouso, as suscetibilidades dos governos, mesmo em relação a aviões a serviço da ONU, são muito grandes. Dos fins de 1960 a esta data, em virtude da chegada escalonada no Congo, de Contingentes, grupos de soldados ou mesmo de indivíduos, uma frota de Globemasters da Força Aérea americana, dois navios-transporte requisitados e linhas de aviação comercial não têm cessado de fazer viagens a serviço da ONU, para todos os quadrantes da terra.

No ponto de vista operacional, além do aspecto já mencionado de assessoria ao Secretário-Geral na apreciação das decisões do Comandante da Força, ao Estado-Maior do Conselheiro Militar compete mantê-lo diariamente informado da situação militar existente, por meio de boletins de informação. Com mesos frequência, o Estado-Maior participa de reuniões com os embaixadores junto à ONU das nações participantes, e a eles é feita exposição da situação militar no Congo. Convém salientar a delicadeza de tais exposições, pois freqüentemente, os governos, levados por interesses nacionais, justificáveis ou não, apresentam proposições que poderiam interferir nas decisões do Secretário-Geral.

Como conclusão, é praticamente impossível enumerar em detalhes todas as atividades do Estado-Maior. Para sintetizar, posso dizer que são suficientemente numerosas e variadas, para manter os seus componentes diariamente, inclusive, sábados, domingos e feriados, ocupados, e, nas fases de crises mais agudas, as 24 horas do dia. O essencial é que a operação militar na República do Congo não pode parar e, na consciência daqueles que trabalham, à retaguarda, torna-se cada dia mais vivo o sentimento de responsabilidade. Do apoio oportuno que fôr dado à Força certamente dependerá a vida de muitos soldados da paz que, de forma generosa, cooperam no gigantesco esforço da ONU em prol da paz internacional. Além do estímulo natural ao trabalho, transmitido ao Estado-Maior pela grandiosidade do objetivo de suas atividades, a dedicação extrema do Secretário-Geral e de outros membros da alta direção da ONU foi sempre para nós um exemplo reconfortante que nos levam a superar as nossas próprias forças, no objetivo de bem desempenhar nossas missões.

De minha experiência na ONU, cumpre-me ressaltar como a participação concreta do Brasil, nas Forças das Nações Unidas, é bem acolhida e generalizadamente desejada. O comportamento do Brasil em suas relações internacionais, caracterizado por um elevado respeito à soberania das outras Nações, a inexistência de ambições de conquista territorial e de interesses vitais em qualquer parte do globo que não seja o seu próprio território, a índole de nossa gente, livre de preconceitos de raça e de religião, a posição de liderança naturalmente conquistada

no continente sul-americano são fatores de boas-vindas para nossos soldados no Oriente Médio, na África ou em qualquer parte onde a ONU fôr chamada a intervir para manter a paz.

A presença do Brasil na FENU, desde os primórdios da operação (início de 1957), nos tem trazido o reconhecimento e o respeito dos demais países membros da ONU, quando, na análise da situação prevalente no Oriente Médio, o Batalhão Suez é enumerado como um dos sete Contingentes responsáveis pela presente tranquilidade reinante na área. No Congo, o punhado de Oficiais aviadores e de Sargentos especialistas da FAB que participa da operação do Esquadrão C-47 da Fôrça tem prestado inestimável serviço. Com o devido respeito à alta direção do govêrno, a quem compete decidir corresponder ou não ao chamamento da ONU, caso operações militares congêneres surjam, pode-se dizer, como regra, que a participação concreta do Brasil, nos trará sempre grande acervo de vantagens de ordem moral e profissional.